

AGOSTINHO E A DIALÉTICA DAS DUAS SOCIEDADES: A CIDADE DE DEUS E A CIDADE TERRENA

Fabiano de Souza Coelho¹

Resumo: Em 24 de agosto de 410 d. C., a cidade de Roma foi saqueada, por três dias e três noites, pelos visigodos comandados por Alarico. Tal episódio contribuiu para que os pagãos questionassem a nova ordem política e religiosa vigente no Império Romano – a *tempora christiana*. Naquele tempo, Agostinho (354-430 d. C.), bispo da cidade de Hipona, norte da África romana, foi um dos principais personagens do debate entre cristãos e pagãos, além de também ter sido um dos maiores personagens da história da Igreja cristã. Este acontecimento em Roma levou Agostinho a elaborar sua réplica aos pagãos – uma apologia ao Cristianismo – feita por meio dos XXII Livros da *A Cidade de Deus*. Este artigo apresentará na perspectiva teórica-metodológica da Nova História Cultural e da Análise de Discurso como foram construídas nessa obra as duas cidades – a saber, de cidade de Deus e a cidade dos homens.

Palavras-chave: Santo Agostinho; Cidade de Deus; Cristianismo.

Abstract: The city of Rome was sacked on August 24th, 410 A. D. by the Visigoths under Alaric's command. The attack lasted three days and three nights. This episode led pagans to argue about the new political and religious order then adopted in the Roman Empire – the *tempora christiana*. At that time, Augustine (354-430 A. D.), who was Bishop of the city of Hippo (north of the Roman Africa), was one of the most important figures of the dispute between Christians and Pagans, as well as one of the most remarkable characters in the History of the Christian Church. The sack of Rome led Bishop Augustine of Hippo write his replies to Pagans – an apology to Christianity – throughout the XXII Books of the *De Civitate Dei*. This paper will present theoretical and methodological perspective in the New Cultural History and Discourse Analysis in this work were constructed as the two cities – namely, the city of God and the city of men.

Keywords: Saint Augustine; City of God; Christianity.

Agostinho (ano 354 a 430 d. C.) foi bispo da cidade de Hipona, norte da África romana, sendo uns dos maiores pensadores de seu tempo. O bispo de Hipona foi um singular polemista de sua época: à vista disso, incansavelmente irá defender a identidade daquilo que ele considerava como a verdadeira religião, isto é, o Cristianismo. Em particular, Agostinho de Hipona, polemizou com outras doutrinas ou manifestações religiosas de seu tempo: o Maniqueísmo, o Donatismo, o Pelagianismo e, também, enfrentou com muito rigor o Paganismo – esse ainda existente entre a aristocracia do Império Romano de sua época (BROWN, 2005: 375).

No ano 410 d. C., a cidade de Roma foi saqueada pelos visigodos comandados por Alarico. Tal acontecimento contribuiu para que os pagãos questionassem a nova realidade religiosa vigente na época, a *tempora christiana*. Depois do saque de Roma, Agostinho

¹ Mestre em História Social das Relações Políticas (PPGHIS/UFES); orientado pelo Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman; e-mail: fabiano.souza23@gmail.com.

decidiu escrever contra os opositores do Cristianismo, numa perspectiva de fortalecer a fé e a identidade dos cristãos abalados com o que estava acontecendo no mundo.

A produção da obra *Cidade de Deus* veio a continuar a campanha contra os pagãos que havia feito o bispo Agostinho durante o tempo de calamidades e ameaças, desde o fim do ano 410 até 412, com sermões, conversas e cartas. Logo, a edição da obra *Cidade de Deus* foi organizada em *XXII Livros* que foram produzidas por Agostinho ao longo dos anos 412 a 426 – aproximadamente quatorze anos; nessa obra, dividida em duas partes, o bispo Agostinho, representou o antagonismo entre cristãos e pagãos.

Deste modo, pretendemos neste artigo, por meio do aporte teórico-metodológico da Nova História Cultural² e da Análise do Discurso, buscar a compreensão de como o bispo Agostinho reproduziu seu ponto de vista sobre a cidade de Deus e a cidade terrena.

A dialética da cidade de Deus e a cidade dos homens

O conflito entre Agostinho e os pagãos contribuiu para que essa autoridade eclesiástica interpretasse e representasse o mundo dividido em duas classes de indivíduos, ou seja, duas cidades. O bispo de Hipona desenvolve essa temática, em particular, nos livros XI a XXII da *Cidade de Deus* na qual trata sobre a origem, o desenvolvimento e o fim das duas cidades. Não podemos deixar de salientar que temos referências sobre essas duas cidades feitas pelo bispo Hiponense nos primeiros dez livros da obra e que as utilizaremos artigo no momento oportuno.

De fato, influenciado pelos escritos do filósofo romano, Cícero, o bispo Agostinho define cidade como “[...] uma multidão de homens em mútua harmonia” (*La Ciudad de Dios*, I, 15). Por conseguinte, nesse período em que viveu o bispo Agostinho, na Antiguidade Tardia, a cidade não era constituída unicamente de estruturas materiais, mas em primeiro lugar de indivíduos, de homens, de cidadãos. Nessa época, o homem não se imagina apenas como cidadão no Estado a serviço de uma pátria terrena, mas também como um “cidadão do

² Tendo como ponto central o conceito de representação, a *Nova História Cultural* proposta por Roger Chartier (1990: 16-17), “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Ademais, a criação das representações do mundo social, embora aspirem à universalidade, são sempre determinadas ou estabelecidas pelos interesses de grupo que as produzem. Então, daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos pronunciados com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990). Com isso, Chartier define o conceito de representação social da seguinte forma: “a representação como dado a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado [...] e a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é [...]” (CHARTIER, 1990: 20). As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre sua realidade. Logo, representar é, pois fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença (PESAVENTO, 2005). Deste modo, uma das propostas da História Cultural ou História Cultural do Social seria, pois, decifrar as realidades do passado por meio das representações – essa linha historiográfica tenta chegar por meio das representações sociais àquelas formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.

céu”, membro de uma sociedade espiritual em cujo seio encontra a solução o problema fundamental a seus olhos, a saber, suas relações com Deus (DANIÉLOU; MARROU, 1973: 253).

Não obstante, na segunda parte da obra *Cidade de Deus* o bispo Agostinho descreve uma separação externa que afeta todo o gênero humano e que ele designa simbolicamente com nome de cidades (*civitates*) ou sociedades (*societates*). Assim, essas duas sociedades/cidades estariam intimamente relacionadas neste mundo temporal (*La Ciudad de Dios* X, 32). Apesar de encontrarmos múltiplos nomes na obra na qual denomina as duas cidades, observamos que Agostinho representa classicamente estes dois pólos opostos como cidade de Deus e cidade terrena.

Estas duas sociedades representadas por Agostinho tiveram sua origem conforme este relato:

[...] o primeiro homem criado deu origem, junto com o gênero humano, duas sociedades, deste modo duas cidades. Desde o princípio procediam por uma oculta, mas justa determinação de Deus, duas classes e categorias de homens: uns que deveriam ser companheiros dos anjos maus no suplício eterno e outros tendo como prêmio a convivência eterna com os anjos bons [...] (*La Ciudad de Dios*, XII, 27).³

Com isso, os dois primeiros cidadãos dessas cidades ou sociedades, segundo Agostinho, foram os dois filhos nascidos dos primeiros pais do gênero humano que de acordo com as Escrituras dos cristãos foram: “[...] o primeiro, Caim, que pertence a cidade dos homens e o segundo, Abel, da cidade de Deus” (*La Ciudad de Dios*, XV, 1). Assevera o bispo de Hipona que o fundador da cidade terrena:

[...] foi um fratricida; dominado pela inveja, matou seu irmão, cidadão da cidade eterna e peregrino nesta terra [...] Os irmãos Caim e Abel não tinham entre eles a ambição de coisas terrenas; nem o fratricida teve inveja de seu irmão por temer que se limitasse mais seu poderio, se ambos mandassem (Abel não buscava ser o senhor na cidade que seu irmão fundou). Caim estava dominado pela inveja diabólica com que os maus invejam os bons, sem motivo algum, apenas porque uns são bons e outros maus [...]. O que aconteceu com Caim e Abel é reflexo das inimizades existentes na humanidade, em particular, entre as duas cidades, a cidade de Deus e a cidade dos homens. Em suma, os maus lutam uns contra os outros e, por sua vez, contra os bons [...] (*La Ciudad de Dios*, XV, 5).

Esses discursos significam que desde o início da história humana, aparecem duas espécies de homens, representados pelas figuras bíblicas de Abel e Caim. Esses dois irmãos representam as duas cidades e apresentam-se como seres racionais, nascidos de um mesmo pai, mas que têm duas vontades radicalmente diferentes. Cada uma dessas representa a possibilidade da existência de duas sociedades distintas. Na medida em que se seguir um ou outro exemplo, os homens se distribuirão, doravante, entre dois povos: aquele que ama o bem

³ A obra *La Ciudad de Dios* foi publicada pela Biblioteca de Autores Cristiano (BAC) – de Madri –, em língua espanhola no ano 1988. O autor fez a tradução livre do espanhol para o português de todos os trechos citados nesse artigo.

e aquele que ama o mal; o primeiro teve Abel por fundador, o segundo, Caim (GILSON, 1965: 51-52; HAMMAN, 1989: 307).

Com o objetivo de representar a origem, o desenvolvimento e o fim das duas cidades nesses livros da *Cidade de Deus*, o já maduro bispo Agostinho evoca os relatos das Escrituras dos cristãos, apresentando-nos uma densa descrição de acontecimentos extraídos de textos bíblicos, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento – com ênfase nos relatos dos Livros de Gênesis, dos Profetas e Apocalipse.

Entendemos que a fundamentação bíblica foi a base agostiniana para classificar as duas sociedades no mundo temporal. Deste modo, o próprio nome dessa obra foi uma inspiração bíblica extraída do Livro dos Salmos que diz: “Ele conta glórias de ti, ó cidade de Deus” (Salmo 86 [87], 3). Igualmente, o bispo Agostinho foi influenciado por reflexões de escritores da Igreja africana de sua época que debatiam a temática sobre a Jerusalém Celeste – a cidade de Deus – e a cidade dos homens.

Além disso, tendo também como base a discussão das obras do leigo donatista, Ticônio⁴, o bispo Agostinho redimensionou esse conteúdo classificando-o com alguns novos matizes. Por conseguinte, a partir da queda de Adão, o gênero humano estaria dividido em duas grandes cidades. Assim, uma cidade estaria a serviço de Deus e seus anjos bons; e a outra cidade era servidora do diabo e dos seus demônios maus. Ainda que essas duas cidades estivessem aparentemente misturadas, tanto na Igreja quanto na sociedade temporal, elas se separariam no juízo final (BROWN, 2005: 391).

Sobre isso nos diz Agostinho que,

[...] não se deve perder de vista que entre os membros inimigos [pagãos] se ocultam futuros compatriotas. Do mesmo modo, lembre-se que, também, enquanto neste mundo peregrinam, vários membros da cidade de Deus que lhe estão unidos pela comunhão dos sacramentos não estarão associados a glória na eterna felicidade dos santos. De fato, entrelaçadas e mescladas mutuamente estão as duas cidades até que sejam separadas no juízo final (*La Ciudad de Dios*, I, 35).

[...] se encontram nesse mundo muitos condenados mesclados com os bons. Uns e outros estão reunidos como na rede evangélica; e neste mundo, como no mar, nadam juntos sem discriminação nas redes dos pescadores até chegar à praia, donde os maus serão separados dos bons [...] (*La Ciudad de Dios*, XVIII, 49).

Agostinho representa essas duas sociedade ou cidades de forma ambivalente ou em oposição binária – como na Parábola do Joio e do Trigo (Mateus 13, 24-30.36-43); e a Parábola da Rede (Mateus 13, 47-50). Assim, a realidade temporal para essa autoridade eclesiástica está repleta de pessoas boas e más, de escândalos e de heroísmo, de êxitos e fracassos, de virtudes e vícios, de construções e destruições, de guerras e de períodos de paz, de grandes homens e de míseros mortais; e isso tudo somente terá fim para Agostinho com o advento do juízo final quando os bons serão separados dos maus.

⁴ O donatista Ticônio foi companheiro de Agostinho de Hipona e exerceu uma importante influência no pensamento agostiniano. Esse teólogo e exegeta contribuiu nas reflexões do bispo Hiponense sobre a mescla de homens bons e maus existentes no interior da Igreja e que só seriam desagregados no juízo final (FREDRIKSEN, 2001; POSE, 2002).

Nesse caso, quando o bispo Agostinho fala das duas cidades ou sociedades ele quer expressar a existência de duas comunidades motivadas por atitudes mentais e morais divergentes.

A partir dessa dialética, o bispo Agostinho representa as duas cidades, desta forma:

Dois amores deram origem a duas cidades: o amor a si mesmo até o desprezo de Deus, a terrena; e o amor de Deus até o menosprezo de si, a celestial. A primeira se glorifica em si mesma; a segunda se glorifica no Senhor. A primeira está dominada pela ambição do domínio de seus príncipes ou as nações que submetem; a segunda utiliza mutuamente a caridade dos superiores mandando e os súditos obedecendo (*La Ciudad de Dios*, XIV, 28).

Deste modo, essa linha que dividia as duas cidades era invisível, pois implicava na capacidade de cada ser humano amar aquilo que amava. Então, com Agostinho de Hipona dois povos fundaram duas cidades/sociedades a partir de sentimentos opostos, ou seja, essa autoridade eclesiástica separou a sociedade humana em dois povos, os fiéis e os infiéis (BROWN, 2005: 400).

A sociedade humana é interpretada por Agostinho através desse simbolismo moral e percebemos em seus discursos na obra que há unicamente duas categorias de indivíduos espalhados no corpo social do mundo, a saber, os pertencentes à verdadeira sociedade dos bons e a sociedade dos maus, essa última excluída de toda estrutura cultural da primeira sociedade – sociedade dividida por meio da oposição de dois termos.

Para o bispo Agostinho, na cidade celestial existe um veemente sentido simbólico: “[...] a cidade de Deus, peregrina nessa vida terrena mortal, é eterna para sempre nos céus, junto com Deus e com os anjos que jamais foram e nem serão desertores [...]” (*La Ciudad de Dios*, XI, 28). Portanto, Agostinho nos apresenta, em especial, com mais assiduidade nos livros XI, XIV, XV e XVIII, essa cidade de forma positiva em oposição a sua alteridade, com as seguintes expressões e palavras: cidade celeste, cidade redimida, sociedade dos santos, cidade peregrina, gloriosa cidade, santa cidade, Jerusalém celeste, Jerusalém suprema, cidade de Cristo.

Entretanto, o bispo de Hipona representou a cidade terrena como a Babilônia (Babel), na qual existia a desordem, confusão e divisão de línguas e para tanto usa as seguintes palavras a fim de para representar a inferioridade e incoerência da cidade terrena: “[...] esta cidade chamada confusão é a mesma Babilônia, cuja admirável construção celebra também a história profana” (*La Ciudad de Dios*, XVI, 4) e “quando pela impiedade arrogante os povos foram castigados e divididos com diversas línguas, recebeu a cidade dos ímpios o nome de confusão, quer dizer, Babilônia [...]” (*La Ciudad de Dios*, XVI, 11).

Observamos que Agostinho faz uso de expressões depreciativas, em particular, com maior rigor nos livros XI, XIV, XV, XVI, XVIII e XIX, para classificar a cidade terrena – em condição inferior a outra cidade –, com estes termos: Babilônia, cidade de confusão, cidade ímpia, sociedade dos ímpios, cidade adoradora de demônios, cidade inimiga, cidade do diabo, cidade diabólica.

Portanto, quando realizamos a análise desses discursos, percebemos que Agostinho utiliza palavras positivas para expressar a superioridade do grupo do qual ele fazia parte, em

detrimento da alteridade, na qual verificamos a atribuição de aspectos pejorativos e de inferioridade ao grupo da cidade terrena. Também, observamos que para Agostinho uma cidade é aquilo que a outra cidade não é; e, por isso, concluímos que nesses discursos agostinianos a existência de uma cidade está condicionada à existência da outra cidade, deste modo, uma existe por causa da outra. Logo, esse procedimento de estigmatizar a alteridade com rótulos negativos é um mecanismo que o bispo Agostinho utilizou para reafirmar a identidade do seu grupo religioso.

Ademais, compreendemos que o bispo Agostinho representa a cidade terrena como Babilônia (Babel) – conforme relatado no Livro XVI –, pois na cidade antiga dos pagãos existia a tolerância a todo tipo de crença e reflexão teológica. Por causa disso, a cidade dos homens para Agostinho não tinha ordem e justiça, isto é, essa seria a cidade da confusão. Nesse caso, os membros da cidade de Deus, veem-se como pessoas superiores, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros (ELIAS, 2000: 19-22). Isso significa, portanto, que para Agostinho somente no grupo da cidade celestial existiu unidade, caridade, honestidade, e, principalmente, a verdadeira religião. Ao contrário, a cidade da confusão, em que os pagãos eram membros, foi representada por ele como uma sociedade injusta e incoerente.

De fato, esses discursos nos indicam que o bispo Agostinho concebe que somente existe verdadeira justiça onde se houver assentado o culto cristão. Nesse caso, nos apresenta o bispo Hiponense que “só existe uma justiça autêntica naquela cidade que é descrita nos Livros Sagrados [a cidade de Deus]” (*La Ciudad de Dios*, II, 20) e “onde os servos de Cristo, ao contrário daqueles [adoradores dos demônios] que não vivem as virtudes, seguem a verdadeira justiça” (*La Ciudad de Dios*, II, 19). Por conseguinte, aqueles que estão fora do Cristianismo – os pagãos se encontram na parte exterior da Igreja cristã – estão excluídos daquilo que Agostinho considerava como genuína justiça (*vera justitia*).

O bispo Agostinho define justiça e suas vicissitudes religiosas, deste modo:

[...] a justiça é a virtude que se dá a cada um o que é seu. No entanto, que justiça humana é essa que tira o homem do Deus verdadeiro para fazê-lo escravo dos demônios impuros? Isto é dar a cada um o que é seu? [...] Portanto, quando o homem não se submete ao verdadeiro Deus, que justiça se manifesta nele? [...] (*La Ciudad de Dios*, XIX, 21).

Com isso, entendemos que para o bispo de Hipona a verdadeira justiça é unicamente o culto ao Deus dos cristãos – culto à divindade verdadeira. Por conseguinte, ao dizer isso Agostinho nos demonstra que os pagãos ao prestarem culto aos demônios habitavam nesta cidade injusta, cidade sem ordem e que era sinônimo de confusão e caos.

Além disso, quando essa justiça não existe em uma sociedade, afirma o bispo de Hipona que:

[...] se essa justiça falta, não existe uma comunidade de homens associados pela adoção em comum acordo e uma comunhão de interesses. Se esta falta – dando como verdadeira a anterior definição de povo –, certamente não existe povo. E nem tampouco existe Estado (*res publica*), já que não temos coisa comum, onde não existe povo [...] (*La Ciudad de Dios*, XIX, 21).

Povo é uma multidão de seres racionais associados na participação concorde em um interesse em comum (*La Ciudad de Dios*, XIX, 24).

Consequentemente, esse discurso significa que para o bispo de Hipona nas sociedades em que não foi instaurada a verdadeira religião – o Cristianismo – não pode se encontrar a justiça, povo e Estado (*res publica*), ou seja, somente existe a unidade social e política em sociedades que aderiram a *vera religio*; as outras sociedades são marcadas por Agostinho pela anomia religiosa, social e política. Igualmente, observamos nesses discursos que aqueles que não eram os habitantes/membros da cidade celestial – nesse caso os pagãos –, o bispo Agostinho coloca-os, como os de fora, excluídos da uma sociedade justa, da unidade religiosa, da ordem do Estado, da felicidade e da salvação eterna.

Descreve o bispo de Hipona que:

O nosso Deus não irá conceder a vida eterna em sua cidade celestial em companhia de seus anjos aos cidadãos da cidade terrestre. O caminho para chegar até a cidade celestial é o da verdadeira atitude religiosa que só se manifesta quando se tributa o culto religioso ao único Deus verdadeiro, chamado *latría* pelos gregos [...] (*La Ciudad de Dios*, V, 15).

Com isso, podemos salientar sem hesitação que os pagãos se mantendo em sua velha religião, segundo Agostinho, estariam excluídos de todos esses aspectos positivos elencados anteriormente. Em suma, o fim dessas duas sociedades humanas na ótica agostiniana seria assim: “[...] uma predestinada a viver sempre com Deus; a outra, a sofrer eternamente o castigo com os demônios [...]” (*La Ciudad de Dios*, XV, 1); a saber, a primeira é a cidade de Cristo e a segunda é a cidade do diabo (*La Ciudad de Dios*, XX, 11).

Com efeito, o bispo Agostinho na segunda parte da obra *Cidade de Deus* também utiliza a expressão cidade do diabo (*diaboli civitate*) ou cidade diabólica (*civitatis diaboli*) para representar a cidade oposta da cidade celestial. Logo, essa cidade do diabo ou diabólica não pode ser compreendida como sendo uma cidade paralela às duas clássicas sociedades antagônicas representadas por Agostinho e nem como um terceiro caminho existente na classificação dicotômica de mundo agostiniana, devendo ser, portanto, entendida como a mesma cidade terrena, dos homens, dos ímpios, Babilônia, confusão, proposta pelo bispo de Hipona em seus discursos contra os pagãos.

De acordo com o bispo Agostinho “[...] Cristo é, Deus bendito sobre todas as coisas pelos séculos, fundador e monarca da Jerusalém suprema [...]” (*La Ciudad de Dios*, XV, 20). Por outro lado, a cidade terrena que também recebeu o nome de Babilônia tem como governante e rei: o diabo, satanás, o demônio (*La Ciudad de Dios*, XVIII, 41) e, por isso, essa foi chamada de cidade diabólica pelo bispo de Hipona.

Com isso, a representação feita por Agostinho da cidade diabólica vai além do Estado Romano, em sua forma republicana ou imperial (DOUGHERTY, 2001: 266). No caso das duas cidades – a celestial e do diabo – estas não podem ser compreendidas como entidades empíricas e nem identificadas em seu sentido geográfico; entretanto essas são cidades simbólicas que englobam todo o gênero humano, e, portanto, transcendem as fronteiras materiais dos Estados ou Impérios. Nesse caso, a cidadania do membro de cada cidade está

condicionada pelo objeto de amor de cada indivíduo e o fim que subordina suas próprias ações, ou seja, os dois amores: o amor a si próprio e o amor a Deus (FORTIN, 2001: 269).

De fato, dividir a sociedade entre “nós” e “eles” – cidade de Cristo e a cidade do diabo – simboliza classificar, processo fundamental na vida social. Portanto, dividir e classificar indica, neste caso, também hierarquizar. Além disso, reter esse poder classificatório exprime ter o privilégio de conferir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2004: 82). Então, o bispo Agostinho ao representar essas duas sociedades antagônicas na obra reproduz esse poder classificatório, pois ao dividir simbolicamente o mundo ele concede ao grupo da cidade celestial aspectos e valores elevados, e, ao contrário, outorga valores desonrosos ao grupo da cidade diabólica.

Inicialmente, observamos no discurso antipoliteísta do bispo Agostinho que a estrutura identitária cristã foi condicionada a partir dos pagãos e essa diferença foi marcada com diversas palavras depreciativas. Ademais, considerando o contexto que norteou a vida do bispo de Hipona, podemos salientar que “a associação das crenças discordantes – Paganismo, cismas e heresias – com o diabo era um procedimento comum na retórica cristã” (GONÇALVES, 2009: 109).

Nessa conjuntura notamos que Agostinho de Hipona com pertinácia irá classificar, representar e estigmatizar a sua diferença com a marca diabólica e inimiga da religião cristã. Em suma, para o bispo de Hipona o “Outro” é o demônio. À vista disso, não podemos esquecer que o bispo Agostinho ao escrever a obra *Cidade de Deus* dirige seus discursos não contra heréticos e cismáticos, mas contra aqueles que seguiam a religião politeísta, em particular, os aristocratas pagãos que evocavam as tradições dos antigos romanos e que resistiam ao processo de cristianização do Império Romano.

No entanto, de que forma o bispo Agostinho representou os membros destas duas cidades, em particular, os indivíduos pertencentes a *diaboli civitate*? Examinaremos a seguir os argumentos utilizados por ele nessa obra que expressam as características dos membros das duas sociedades, em especial, tendo como matéria central as representações da denominada cidade do diabo ou cidade diabólica.

Para Agostinho a diferença que existe entre os membros das duas cidades foi enunciada da seguinte forma:

[...] temos tantas e poderosas nações espalhadas por todo globo terrestre com seus diversos ritos que se distinguem pela múltipla variedade de línguas. Com isso, dizemos que não existem mais que duas classes de sociedades humanas no mundo e que podemos chamar justamente, segundo nossas Escrituras, de duas cidades. Uma de homens que desejam viver segundo a carne e outra de homens que pretendem viver segundo o espírito (*La Ciudad de Dios*, XIV, 1).

Neste mundo de peregrinação, recomendamos, sobretudo, a cidade de Deus, a humildade e que se proclame de um modo especial seu rei, Cristo. As Sagradas Letras nos ensinam que o vício da soberba, contrário a humildade, domina, principalmente, em seu adversário, o diabo. Sem dúvida, esta é a grande diferença entre as duas cidades de que estamos falando: uma, a sociedade dos homens que vivem a religião; a outra, sociedade dos ímpios. Cada uma com seus próprios anjos, prevalecendo o amor de Deus ou o amor a si mesmo [...] (*La Ciudad de Dios*, XIV, 13).

Com isso, Agostinho ao utilizar tais argumentos começa a nos expor o perfil dos membros das duas cidades a partir daquilo que ele considera como virtude (a humildade, a verdadeira piedade religiosa e o amor a Deus) e do que ele considera como conduta condenável e desvio religioso (a soberba, impiedade e o amor a si mesmo). Portanto, observamos nesses discursos que Agostinho de Hipona representa os membros da cidade do diabo como pessoas soberbas, incrédulas, egoístas e praticantes de vários vícios carnis – representados como filhos da carne. Também, existem nesses discursos pontos de exclusão, pois para o bispo Agostinho somente se encontram aspectos positivos (disposição para a prática do bem) entre os genuínos cidadãos da cidade celestial.

O valor de uma cidade, segundo Agostinho, se mede pelo valor dos objetos que amam, isto é, pela qualidade do amor que nela impera (*La Ciudad de Dios*, XIX, 24). Os membros da cidade diabólica amam a glória humana (*La Ciudad de Dios*, V, 16) e, ao contrário, os membros da cidade de Deus amam as coisas celestiais (*La Ciudad de Dios*, XIV, 28). Nesta perspectiva de oposição binária, esses discursos significam que entre os cidadãos da cidade do diabo predomina o amor às coisas temporais e entre os cidadãos da cidade celestial existe apenas o amor a Deus na caridade (GILSON, 1985).

O bispo Agostinho representa a *diaboli civitate* e seus cidadãos com as seguintes palavras:

A cidade terrena [a do diabo] rende culto aos deuses [demônios] para com sua ajuda beneficiarem-se das vitórias e da paz terrena, não por amar o bem, mas pelo desejo de dominar [...]. Os bons, certamente, usam deste mundo para gozar em Deus; os maus, ao contrário, querem usar Deus para gozar do mundo. [...] a cidade celeste é peregrina na terra; a outra, a terrena é apegada aos gozos terrenos (*La Ciudad de Dios*, XV, 15).

O bispo de Hipona continua a descrever sobre os membros a cidade diabólica:

Nessa cidade seus poderosos amam sua própria força [...]. Os sábios dessa cidade vivendo segundo os homens, têm buscado os bens do corpo; e podendo conhecer a Deus, não o glorificaram como Deus e nem lhe deram graças. Pelo contrário, perderam-se em seus pensamentos fúteis, e seu coração insensato se obscureceu. Pretendendo ser sábios, exaltando-se em sua sabedoria pela soberba que os dominava, tornaram-se estúpidos e trocaram a glória de Deus incorruptível por uma imagem de seres corruptíveis, como: homens, pássaros, quadrúpedes, répteis (pois levaram os povos a adorar semelhantes grosserias ou foram atrás delas); servindo e dando culto a criatura em lugar do Criador, que é bendito para sempre [...] (*La Ciudad de Dios*, XIV, 28).

Agostinho, em particular, demonstra nesses discursos que os membros da cidade diabólica utilizam-se de sua religião para terem benefícios em prol da dominação política e militar de povos, cidades e Estados. Deste modo, diferente daqueles cidadãos da cidade celestial, os membros da cidade diabólica são indivíduos maus que estão, de maneira desordenada, vinculados às realidades temporais da sociedade humana e, conseqüentemente, para o Hiponense essa falta de coerência com os bens terrenos levará os membros dessa

cidade do diabo ao “[...] suplício eterno, junto com os demônios malignos” (*La Ciudad de Dios*, XIX, 9).

Ao analisar essa documentação observamos que as principais características dos cidadãos da cidade diabólica elencadas por Agostinho foram as seguintes: a soberba (orgulho excessivo, arrogância), a impiedade (incredulidade), o amor próprio ao ponto de desprezar o Deus verdadeiro (egoísmo), o amor à glória humana (amor ao poder), o apego aos prazeres terrenos (luxúria, avareza, etc), adoração aos demônios (idolatria e superstição).

Então, nesses discursos de Agostinho de Hipona percebemos o poder de classificar os membros da cidade do diabo, tidos como adoradores de demônios, maus devido à conduta moral condenável para a sociedade cristã de seu tempo. Na visão de Agostinho se os membros da cidade diabólica não se convertessem ao Cristianismo já estariam predestinados à condenação eterna e excluídos da felicidade da cidade de Deus. Com isso, portanto, podemos chegar à conclusão que para Agostinho os membros por excelência dessa cidade do diabo eram os pagãos – representados por Agostinho com inúmeros rótulos depreciativos. Tal procedimento foi um mecanismo de preservação desse outro grupo numa posição social inferior aos cidadãos da cidade celestial e, conseqüentemente, consolidar a identidade cristã na sociedade de sua época.

Considerações finais

A importância que percebemos ao analisar os discursos agostinianos contra os pagãos na obra *Cidade de Deus* foi que a estrutura identitária do grupo cristão – na sociedade daquela época – foi redimensionada a partir da demonização de todo ambiente que tinha algum indício do Paganismo. Isto é, tudo que era pagão para Agostinho de Hipona foi associado aos demônios e, portanto, sua alteridade pagã era infame e nefasta.

Ao realizar tal processo social Agostinho nos apresenta a religião do seu grupo, a saber, o Cristianismo, como uma organização religiosa superior à religião dos pagãos.

Para Agostinho, a religião cristã era a única verdadeira manifestação religiosa e somente nessa religião poderia ser vivida a autêntica piedade. Por outro lado, a religião dos pagãos era uma prática demoníaca e uma crença sem utilidade para os romanos. Para o bispo de Hipona somente entre os membros da religião cristã – cidade celestial – existiam aspectos positivos (virtudes, ordem, justiça, etc) e entre os pagãos conservavam-se por muitos séculos valores inferiores e inaceitáveis à ordem cristã (tais como impiedade, injustiça, confusão, etc).

Ademais, ao fazer a representação da sociedade humana o bispo Agostinho nos apresenta a sociedade apenas dividida em dois polos opostos que abrangem toda a Terra. Entendemos que com Agostinho temos apenas duas sociedades: uma boa e outra má; cidade celestial e cidade terrena; cidade de fiéis e cidade de infiéis; cidade dos eleitos e cidade dos condenados; cidade santa e cidade diabólica, etc.

Por isso, relatamos que nos escritos agostinianos da *Cidade de Deus* não existe uma terceira cidade ou uma via alternativa além das duas propostas classicamente na obra. Deste modo, atesta Gilson (1965), que Agostinho nunca concebeu a ideia de uma sociedade

universal única, mas sim, de duas igualmente universais, na medida em que todo homem é, de alguma forma, cidadão de uma ou de outra; e predestinado a uma ou outra cidade.

Agostinho condiciona a existência da cidade que seu grupo religioso fazia parte tendo como referência a outra cidade oposta à dos cristãos e sua verdadeira religião. Para Agostinho uma cidade só irá subsistir tendo como fundamento o seu polo oposto. Ou seja, a cidade celestial é aquilo que a cidade terrena ou do diabo não é. Logo, estas cidades ou sociedades são movidas por dois amores opostos – o amor a Deus na caridade e o amor egoísta. Por isso, apresentamos a representação de vários aspectos positivos e negativos feito por Agostinho para classificar as duas cidades antagônicas.

Com isso, Agostinho atribui elementos estigmatizantes e excludentes para cidade terrena, que nos é apresentada como Babilônia (Babel, confusão). A cidade celestial, ao contrário, era superior à cidade terrena – essa última foi também representada com o nome de cidade do diabo ou diabólica. Diferente da cidade celestial que tinha uma ordem evidente, segundo Agostinho, entre os membros da cidade diabólica não existia ordem, justiça e virtudes. Pois nessa sociedade do diabo não existe a verdadeira religião, mas o culto a vários deuses (demônios) e os protagonistas dessa cidade diabólica para Agostinho eram os pagãos.

O bispo Agostinho não concebia a existência de ordem numa cidade onde o culto a inúmeras divindades falsas era o fundamento. Logo, com Agostinho, a cidade de Deus não seria capaz de aprovar a cidade terrena; é, antes, forçada a repreendê-la, a condená-la, demonizá-la e excluí-la. Esse, sem dúvida, foi o instrumento utilizado pelo bispo de Hipona para afirmar a identidade de seu grupo estabelecido.

Referências

Documentação primária impressa

AGUSTÍN, S. **Obras completas de San Agustín**: La Ciudad de Dios (1º). v. 16. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.

AGUSTÍN, S. **Obras completas de San Agustín**: La Ciudad de Dios (2º). v. 17. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução da Paulus Editora. São Paulo: Paulus, 2002.

Obras de apoio

BROWN, P. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CHARTIER, R. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 5/11, p. 173-191, 1991.

DANIÉLOU, J.; MARROU, H. I. **Nova História da Igreja**: dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1973.

DOUGHERTY, R. J. Ciudadano. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 266-268.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FORTIN, E. L. De Civitate Dei. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 268-278.

FREDRIKSEN, P. Ticonio. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 1261-1264.

GILSON, E. **Evolução da Cidade de Deus**. São Paulo: Herder, 1965.

GONÇALVES, J. M. **Religião e Violência na África Romana**: Agostinho e os donatistas. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

HAMMAN, A. G. **Santo Agostinho e seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MAINGUENEAU, D. (Org.) **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e o seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1996.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.

POSE, E. R. Ticônio. In: DI BERARDINO, A. (Org.) **Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 1362-1363.